Relato duma viagem para a Índia, Cingapura, Austrália e China

Caro Leitor, observe as instruções de segurança, mantenha a poltrona em posição confortável, aperte o cinto e ...

Boa leitura !!!

ÍNDICE

Planejamento da viagem **04**
Índia **12**
1º Dia 13
2ºDia 19
3ºDia 29
4ºDia 32
5ºDia 39
6ºDia 45
Cingapura **49**
1º Dia 49
2ºDia 54
3ºDia 59
4ºDia 63
Austrália **67**
1º Dia 68
2ºDia 74
3ºDia 78
4ºDia 81
5ºDia 88
6ºDia 92
7º Dia 96
8ºDia 99
9ºDia 102
10ºDia 106
11ºDia 109
12ºDia 114
China **117**
1º Dia 118
2ºDia 125
3ºDia 133
4ºDia 139
5ºDia 146
6ºDia 150
Fim da viagem **154**

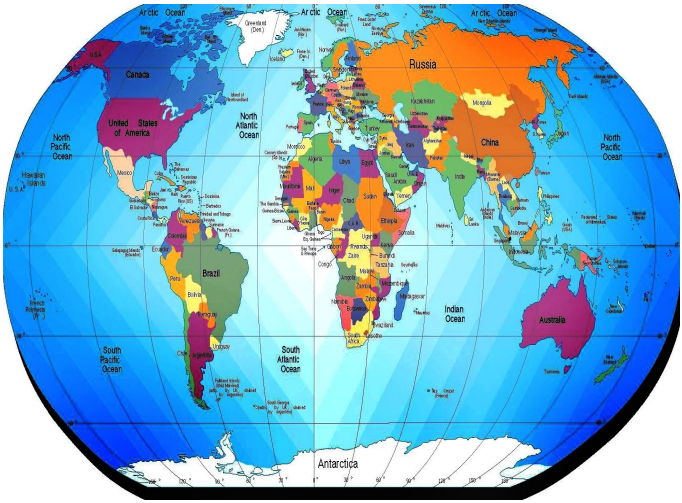
Planejamento da Viagem

Morei em Londres durante um ano e meio, com o objetivo de tornar-me fluente na língua inglesa, o que depois de meses falando, ouvindo e vivendo em inglês, eu chegava inclusive a sonhar em inglês. A capital do Reino Unido é uma cidade muito cosmopolita, onde encontra-se pessoas de todas as partes do mundo, com várias diferenças no pensar e no agir, mas convivendo em harmonia uns com os outros.

É uma cidade onde se encontram passagens de todos os tipos e para todos os lugares. Londres é servida por 4 aeroportos, sendo o maior deles também o maior da Europa, o Heathrow, há um vôo a cada 2 minutos, a toda hora que se olha para o céu é possível enxergar pelo menos um avião passando. Morando lá não tem como não sentir vontade de viajar, com tanta propaganda de lugares bonitos para visitar, praias, montanhas, lugares históricos. E sempre tem alguma promoção de viagem.

Decidi ir a uma agência especializada em viagens para estudantes e mochileiros, havia várias opções de destinos:

Europa, Américas, África, Ásia, Oceania e Volta ao Mundo. Peguei uma senha para ser atendido no “Volta ao Mundo”.



Enquanto esperava minha vez fui pensando onde eu poderia ir, pensei em Índia, Egito, China, Japão e Austrália, assim estaria em 3 continentes. Chegou a minha vez. Falei dos meus planos e a atendente foi fazendo o roteiro. Disse que Egito estaria fora de rota, eu teria que pagar quase o preço de outra viagem se eu quisesse incluir a terra das pirâmides nesta viagem. Então está bem, corta o Egito. Outro problema, não há vôos seguindo a mesma rota com stopovers (paradas entre vôos, por exemplo, quando voamos de São Paulo para Londres

há um stopover no Rio De Janeiro) para a China e para o Japão. Eu teria que optar por um destes países. Bem ... então vamos cortar o Japão! Agora meu roteiro se restringia à Índia, Austrália e China. A atendente me mostrou um mapa múndi, onde adicionei ao roteiro Cingapura. Decidi a duração desta viagem, seriam 4 semanas. Eu ficaria cerca de uma semana em cada país. Meu roteiro seria: Índia, Cingapura, Austrália, China e depois volta a Londres. OK, então eu teria que confirmar a viagem em dez dias e pagar pelo menos uma parte da mesma.

Foram dez dias em que, ora eu acordava com o sentimento de que eu faria a viagem, ora eu acordava querendo viajar apenas pela Europa, ir a alguma praia no Mar Mediterrâneo ou qualquer coisa assim. No décimo dia voltei à agência para acertar mais alguns detalhes, como por exemplo as datas de cada vôo e as cidades em que eu iria visitar em cada país. Começando pela Índia, eu desembarcaria pela manhã em Dehli. Teria que pegar o vôo em Mumbay para ir até Cingapura, onde embarcaria para Sydney, com um stopover em Jacarta, na Indonésia. De Sydney eu pegaria o avião rumo a Shanghai e voltaria para Londres de Beijing. Ou seja, além de meu itinerário eu teria que comprar dois vôos extras Dehli-

Mumbay e Shanghai-Beijing; decidi naquele instante comprar apenas Dehli-Mumbay enquanto o outro trecho eu decidiria, durante a viagem, se seria via aérea ou mesmo de trem. Agora já havia confirmado a viagem e pago uma parte dela. Não tinha escapatória, o jeito era procurar informações sobre os lugares a visitar, bem como vistos e vacinas necessários.

O meu vôo era pela British Airways, que foi a companhia aérea que permitia fazer o trajeto escolhido, pela quantidade de países que a empresa tem vôos e também pelos acordos que mantém com outras companhias aéreas. Foi no escritório da própria empresa que eu obtive maiores informações sobre os meus destinos. É um centro de viagens bem completo, lá se encontra tudo que possa precisar, para qualquer tipo de viagem. Comecei comprando dois livros, um sobre a China(The Rough Guide – 1070 páginas), e outro sobre a Índia (Footprint Handbooks – 1442 páginas). Em outro dia comprei um livro sobre Cingapura (Thomas Cook Travellers Singapore & Malaysia – 192 páginas). A primeira vista estes livros pareciam ser suficientes para me guiar por estes países. Agora eu tinha mais de duas mil páginas de informação para os lugares onde eu estaria visitando.

No escritório da companhia aérea eles se encarregaram de conseguir o visto para mim, para entrar na Índia e na China. Deixei meu passaporte com eles e dados como meu endereço em Londres, saldo bancário e respostas a algumas perguntas da burocracia indiana e chinesa: coisas como a duração e o motivo de minha ida para aqueles países. Eu tinha pouco tempo para isto, apenas 3 semanas, mas me garantiram que em 10 dias tudo estaria pronto. O visto da Índia demorou um pouco mais, como fui saber mais tarde, os indianos negam o primeiro visto pedido por alguém de uma nacionalidade que não a do país onde se está pedindo o visto. Ou seja, como eu estava na Inglaterra e não era inglês, eu teria o primeiro pedido de visto negado, teria que repetir o mesmo ritual para a obtenção do visto. Tive que mandar de novo meu endereço, saldo bancário e responder as mesmas questões da primeira vez. Como agora eu solicitava a entrada naquele país pela segunda vez, concederam-me o visto. Coisas que só a burocracia consegue entender.

Faltava uma semana para meu embarque e decidi ir até o escritório da British Airways perguntar sobre a necessidade de vacinação para os lugares onde eu pretendia viajar. Na

clínica médica do escritório, me informaram que não era obrigatório tomar vacina alguma, mas eles aconselhavam alguns cuidados. Pronto, lá fui eu tomar um monte de vacinas e comprar um monte de remédios. Tomei vacinas contra Pólio, Tétano, Hepatite e Febre Amarela, além de comprar comprimidos contra malária, que eu deveria tomar uma semana antes de entrar na Índia e continuar tomando até uma semana depois de deixar o país. Eram dois tipos de comprimido, um para ser tomado todos os dias e o outro, mais forte, para ser tomado uma vez por semana. Daí pensei que estaria imune à malária, mas o médico da clínica me falou que se eu fosse picado pelo mosquito, dependendo do mosquito estes comprimidos não fariam efeito. Ora, será que não teria sido melhor então eu ter comprado aquela roupa que os tratadores de abelhas usam ? Além de todas as vacinas e comprimidos que eu tomara para a viagem, ainda tive que levar um comprimido de iodo que servia para purificar a água para beber, já que na Índia dizia-se não haver água mineral. Também comprei protetor solar e repelente contra mosquitos. Saí de lá todo picado de agulha e cheio de comprimidos e

cremes, e apavorado com o que eu poderia encontrar pela frente.

Alguns dias antes de embarcar fui escolher meus lugares no avião. Os trechos Londres-Dehli e Beijing-Londres eram os únicos em que eu poderia reservar o assento com antecedência que seriam feitos pela própria Bristish Airways. Os outros trechos, Mumbay-Cingapura, Cingapura-Sydney e Sydney-Shanghay seriam pela Qantas, empresa aérea australiana que tem convênio com a British Airways. Eu teria que escolher os assentos apenas na hora em que fosse fazer o check-in. O outro trecho Dehli-Mumbay eu faria pela Air Índia, também só poderia escolher o assento no check-in.



Chegou o dia da viagem, 18 de junho de 1998. Estávamos na segunda semana da Copa da França. Todo dia tem jogo de futebol pela televisão, e em todos os lugares por onde se anda em Londres tem gente com a camisa de alguma seleção de futebol. Meu vôo saía de Londres às 22 horas. Feito o check-in, agora não tenho mais escapatória. A Índia me espera na manhã seguinte, mas não vou ter problemas, estou vacinado.

ÍNDIA


FEG.
Srinagar
CHINA
Indus
Amritsar
HIMALAIA
QUISTÃO
Brahmaputra
Kanchenjunga
NOVA
DÉLHI
NEPAL
Jaipur
Agra
Kanpur
Ganges
Gauhati
Patna
Bhopal
BANGLADES
Ahmedabad
Calcutá
Nagpur
Bombaim
Bhubaneshwar
DECÃO
Haiderabade
Visakhapatnam
Panaji
Golfo de Bengala
r Arábico
Bangalore
Madrasta
ANDAMÃO
QUEDIVAS
Pondicherry
Port Blair
Kochi
Madurai
SRI
LANKA
NICOBAR

1º Dia

Durante o vôo, antes de chegar na Índia fui lendo o guia de viagem que eu havia comprado, para saber o que fazer e o que esperar deste país com tantas tradições. Pelo livro eu soube que a Índia é um país com quase um bilhão de habitantes, com 3.287.000 km² de área. Meu primeiro problema seria de comunicação, já que são vários os dialetos falados no país, e a língua mais popular é o hindi, falado por quase 400 milhões de pessoas, mas como língua usada para fins oficiais e documentos está o inglês. Vamos usar o inglês para ser entendido neste país.

Cheguei na Índia, no Aeroporto Internacional Indira Gandhi, em Dehli, já passava do meio-dia, a temperatura devia estar no seu máximo. Eu tinha que adiantar meu relógio em 5 horas e meia. Já havia feito a reserva do hotel, em Londres, então em Dehli, eu não precisaria procurar hotel. Logo após pegar minha bagagem troquei dinheiro no banco dentro do próprio aeroporto. Eu havia levado dólares americanos, que troquei U$100 por 4.100 Rupees, a moeda indiana. Como eu

havia lido no guia, a melhor opção para se dirigir a meu hotel era pegar um táxi pré-pago, que se conseguia nos guichês na saída do aeroporto. Foi para um deles que me dirigi. Quando a moça do guichê percebeu que eu me dirigia a ela, ela tentou, em vão, empurrar o guichê na minha direção, para que eu logo utilizasse seus serviços. Mostrei o nome e endereço do hotel que eu havia reservado, a moça me mostrou uma tabela com o preço da corrida. Não entendi nada, pois estava escrito em hindi, língua mais falada pelos indianos. Era de 600 Rupees. Paguei. Um menino ia me indicando onde estava o táxi, e eu empurrando minha mochila num daqueles carrinhos de aeroporto. Depois de uns 30 segundos chegamos ao carro que ia me levar ao hotel. O menino esticou sua mão em minha direção. Como o livro me havia alertado, o esporte preferido do indiano é pedir gorjeta. O moleque queria algum dinheiro e não largou de meu pé enquanto eu não tivesse dado 200 Rupees para ele.

Embarquei no carro, perguntei ao motorista se o dia estava muito quente. Ele afirmou que não estava muito, a temperatura deveria estar apenas em 45ºC (imaginem então quando realmente esquentar). Enquanto fazíamos o trajeto para

o hotel eu tentava descobrir de que lado os carros trafegavam, se no esquerdo ou no direito. Como eu estava cansado da viagem achei que não tinha prestado a devida atenção no trânsito indiano.

Pronto, estava na frente do Oberoi Maidens, meu hotel, construção muito bonita, parecia com aqueles palácios que a gente vê em filmes sobre a Índia. A primeira coisa que o motorista fez quando parou o carro foi esticar a mão e eu sabia que se não colocasse nenhuma nota de Rupees ali eu não veria minha bagagem que estava no porta-malas. Dei mais 200 Rupees para ele, no fim das contas paguei 1000 Rupees pelo táxi, sendo 600 pelo trajeto e 400 de gorjeta. Peguei a chave de meu quarto, um quarto grande, dividido em dois ambientes, uma ante-sala e o quarto e um também espaçoso banheiro.

A principal atração turística da Índia é o Taj Mahal, que fica em Agra, cerca de 200 km ao norte de Dehli. Meu livro-guia aconselhava a visitá-lo de trem. Eu teria que ir até a estação central de Dehli, onde haveria um setor exclusivo para atendimento de estrangeiros. Peguei um táxi no hotel para ir a estação. Chegando lá, pude ver um amontoado de pessoas, animais e fezes humanas. Consegui descobrir onde ficava o